

**A SOCIOLOGIA DAS AUSÊNCIAS  
DE BOAVENTURA SOUSA SANTOS  
E A CEGUEIRA DOS SABERES DE EDGAR MORIN  
PELO VIÉS DOS REGIMES DE INTERAÇÃO  
DE ERIC LANDOWSKI**

*Noelma Oliveira Barbosa (UFT)*

[noelma\\_barbosa@hotmail.com](mailto:noelma_barbosa@hotmail.com)

*Bruno Gomes Pereira (ITPAC/UFT)*

[brunogomespereira\\_30@hotmail.com](mailto:brunogomespereira_30@hotmail.com)

*Wiliana Carneiro Carvalho (UFT)*

[wiliana@live.com](mailto:wiliana@live.com)

**RESUMO**

A semiótica, enquanto ciência dos sentidos, é apresentada aqui através de uma leitura sobre as críticas: de Boaventura Sousa Santos à razão indolente (de Leibniz) e de Edgar Morin à cegueira dos saberes, considerando que os regimes de interação de Eric Landowski emergem nos contextos onde se relacionam os sujeitos no seu dia-a-dia. Trata-se, portanto, de um trabalho de pesquisa bibliográfica, no qual são mobilizadas diferentes teorias para a compreensão da complexificação dos diálogos interdisciplinares que ora são mobilizados. O primeiro propõe a razão cosmopolita que se opõe ao modelo de racionalidade ocidental, o segundo sugere um paradigma emergente que considera a complexidade das relações sociais, e, o último refere-se às relações inerentes às diversas situações sociais, explicando a diversidade de experiências reais, nas quais os regimes de interação (programação, manipulação, ajustamento e acidente) aparecem. Este se assemelha aos contextos relacionados à produção de inexistência e de cegueira dos saberes, onde a ciência ocidental ainda prevalece como paradigma dominante.

**Palavras-chave:** Interação e sentido. Cegueira. Sociologia. Diálogo.

**1. Introdução**

A busca pela compreensão das relações que se estabeleceram na modernidade do século XXI leva-nos constantemente a alguns questionamentos acerca da situação presente das ciências no seu conjunto e do sentido de progresso que a ciência dos séculos passados nos tem imposto ainda hoje. Ou seja, modelos teóricos eficientes e metodologias estritas de apreensão da realidade são postas sobre o mundo. Entretanto, esses modelos de compreensão do mundo nos apresentam como horizonte um conhecimento utilitário e funcional, por vezes desprovido da capacidade de domínio e transformação do real. Dessa forma, não mais satisfaz à

complexidade que a sociedade moderna se tornou.

É nesse contexto que são construídos diferentes paradigmas referentes à estrutura social em que o sujeito está imerso. Tais paradigmas são modelos de construção científica que se remodelam em conformidade com as razões pragmáticas que a contextualiza. Nos últimos anos, além disso, também é possível entender que tais reformulações nos paradigmas tentam responder, também, as especificidades do objeto a ser pesquisado, o que engloba questões extralinguísticas, de natureza sociológica, filosófica, pedagógica e de outras várias áreas do conhecimento humano.

Estudiosos apontam que a crise do paradigma dominante do conhecimento e sua impositiva identidade social global é o resultado da confluência de uma pluralidade de condições que, surgidas no cerne das sociedades contemporâneas, denunciam a decadência desse paradigma precedente, o qual desconhece as relações entre a produção-reprodução da existência e a formação dos sujeitos como humanos do seu tempo. Esse paradigma dominante contrapõe a moralidade das regras da produção capitalista à afirmação desses sujeitos e de suas necessidades e direitos, o que resulta em crise existencial, principalmente, para os grupos minoritários. (Cf. SANTOS, 2012)

Essa nova análise da sociedade tem trazido novos questionamentos ao modelo de racionalidade dominante, este imposto como a única forma credível de conhecimento. Ao partir dessa perspectiva, o presente artigo busca traçar um diálogo entre três autores, o sociólogo português Boaventura Sousa Santos, com sua sociologia das ausências; o sociólogo francês Edgar Morin, com sua inteligência cega e o paradigma da complexidade, e; o semiólogo e sociólogo francês Eric Landowski, com seus regimes de interação e os sentidos e nuances de *Presenças do Outro*. Esses três autores questionam a efemeridade humana, dadas às condições de manutenção da vida e das relações que se estabelecem entre produtor e produto do conhecimento, onde muitas experiências reais não são observadas no centro dessa produção, contrariando, assim, o entendimento de que o todo é maior que a soma das partes.

Boaventura Sousa Santos põe em questão as vozes das “minorias” que, segundo ele, são ocultadas e desacreditadas por estarem fora dos centros hegemônicos de produção da ciência social. O autor faz sua crítica ao que chama de razão indolente (de Leibniz) e chama de “desperdício de experiências” o fato de toda a produção da cultura e do conheci-

mento inerente a essa minoria ser desvalorizada e colocada à condição de “não credível”. Paralelamente, Edgar Morin mostra que as ignorâncias, que ele chama de cegueiras são perigos, pois têm caráter comum e resulta de um modo mutilador de organização do conhecimento, incapaz de reconhecer e apreender a complexidade do real. Enquanto Eric Landowski, com a sua teoria semiótica, funda os regimes de interação, que buscam explicar as relações existentes entre as práticas sociais em sua diversidade, propondo uma possibilidade de narratividade capaz de descrever as ações realizadas pelos seres humanos nas diversas situações em contexto social.

## **2. *Sociologia das ausências de Boaventura***

A proposta da sociologia das ausências, apresentada por Boaventura Sousa Santos em seu ensaio intitulado “Para uma Sociologia das Ausências e uma Sociologia das Emergências” e elaborada a partir de uma reflexão epistemológica, fruto do desenvolvimento de um projeto que trouxe o título de “A investigação da participação social”. Esse projeto foi dirigido pelo autor em seis países, cinco dos quais, semiperiféricos e de diferentes continentes (África do Sul, Brasil, Colômbia, Índia e Portugal), mostra iniciativas, movimentos e experiências nas áreas temáticas: democracia participativa; sistemas de produção alternativos; multiculturalismo, direitos coletivos e cidadania cultural; alternativas aos direitos de propriedade intelectual e novo internacionalismo operário. Para confirmar a hipótese de que “os conflitos entre a globalização neoliberal hegemônica e a globalização contra-hegemônica são mais intensas nesses países, o autor selecionou o sexto país dessa pesquisa, como país periférico e dos mais pobres do mundo: Moçambique.

O projeto propunha-se “estudar as alternativas à globalização neoliberal e ao capitalismo global, produzidas pelos movimentos sociais e ONGs na luta contra a exclusão e discriminação em diferentes domínios sociais. visou “determinar em que medida a globalização alternativa está sendo produzida a partir de baixo e quais são as suas possibilidades e limites”. Uma investigação, portanto, fora dos centros hegemônicos e de produção da ciência social, cuja implicação resultou no cruzamento de diferentes culturas e formas de interação entre a cultura e o conhecimento científico ou entre o conhecimento científico e o não científico. Essa iniciativa debruçou-se sobre lutas e movimentos alternativos, segundo o autor, fáceis de desacreditar e localizadas demais para constituir-se alterna-

tivas credíveis ao capitalismo.

Assim sendo, foi possível ao autor considerar que a experiência social em todo o mundo é muito mais ampla e variada do que o que a tradição científica ocidental conhece e considera importante. Isso é uma riqueza social que ele considera desperdiçada e que, desse desperdício, nutrem-se as ideias de que “a história chegou ao fim”, que não há mais alternativas. Daí, o autor acredita que para combater o desperdício da experiência, tornar visíveis as iniciativas e movimentos alternativos e lhes dar credibilidade, *de pouco serve recorrer à ciência social tal como a conhecemos*, pois a considera responsável por esconder ou *desacreditar* as alternativas. É necessário um modelo diferente de racionalidade, não um novo tipo de ciência social

Boaventura Sousa Santos argumenta que sem uma crítica contundente ao modelo de racionalidade ocidental dominante, qualquer proposta de análise social, por mais alternativas que se julguem, tenderá a reproduzir o mesmo efeito de ocultação e descrédito. Assim, ao proceder-se a essa crítica, baseado na racionalidade indolente de Gottfried Wilhelm Leibniz, o autor propõe os prolegômenos de outro modelo de razão, uma *razão cosmopolita*, para a qual a sociologia das ausências é o primeiro procedimento sociológico a ser realizado. Como ponto de partida, são necessárias três situações:

1ª	A compreensão do mundo excede em muito a compreensão ocidental do mundo
2ª	A compreensão do mundo e a forma como ela cria e legitima o poder social tem muito a ver com as concepções do tempo e da temporalidade
3ª	A característica mais fundamental da concepção ocidental de racionalidade é o fato de, por um lado, contrair o presente e, por outro lado, expandir o futuro

**Quadro 01: Situações de saberes. Fonte: Santos (2002)**

Para o autor, a razão metonímica apropriou-se de debates antigos como entre o holismo e o atomismo, ainda hoje continua a presidir aos debates mesmo quando se introduziu neles o multiculturalismo e a ciência passou a multicultural. Os saberes que não são científicos, nem filosóficos e não são ocidentais continuam fora do debate. Por isso não houve, segundo o autor, estruturação da ciência. As possíveis variações do movimento ou desenvolvimento das partes não afetam o todo e são vistos como particulares. Assim, há uma homogeneidade entre o todo e as partes, as quais não possuem existência fora da relação com a totalidade.

Por esse pensamento, são várias as lógicas e os processos através dos quais a razão metonímica produz a não existência de tudo aquilo que

não cabe na sua totalidade e no seu tempo linear. É essa monocultura racional que une as diferentes lógicas de produção de não existência social, que resultam na subtração do mundo e na contração do tempo presente, entendido como desperdício da experiência, aparecem em cinco formas principais: o ignorante, o residual, o inferior, o local e o improdutivo. As realidades que estas conformam estão apenas presentes como obstáculos em relação às realidades que contam como importantes (científicas, avançadas, superiores, globais ou produtivas).

Ao proceder à sociologia das ausências, o autor parte de indagações que visam identificar os modos de confrontar e superar a concepção de totalidade e a razão metonímica que a sustenta, pondo em questão cada uma das lógicas de produção de inexistência e opondo-lhes os respectivos modos de ecologias.

<b>Lógicas de produção de inexistência (monoculturas)</b>	<b>Ecologias</b>
<b>Lógica do saber e do rigor do saber</b> – a transformação da ciência moderna e da alta cultura constituem critérios únicos de verdade e de qualidade estética. A não existência assume a forma de ignorância ou de incultura.	<b>Ecologia dos saberes</b> – a identificação de outros saberes e critérios de rigor que operam credivelmente em contextos e práticas sociais; o confronto e o diálogo entre diferentes processos, através dos quais práticas diferentemente ignorantes se transformam em práticas diferentemente sábias.
<b>Lógica do tempo linear</b> – a ideia de que a história tem sentido e direção únicos e conhecidos. Progresso, revolução, globalização trazem a ideia de que na frente do tempo seguem os países centrais do sistema mundial. Declara como atrasado tudo o que, segundo a norma temporal, é assimétrico em relação ao que é avançado.	<b>Ecologia das temporalidades</b> – para restituir a temporalidade própria e a possibilidade de desenvolvimento autônomo dos ausentes, este domínio visa libertar práticas sociais do seu estatuto de resíduo. As experiências são consideradas residuais porque são contemporâneas de forma à temporalidade dominante, o tempo linear não é capaz de reconhecer.
<b>Lógica da classificação social</b> – assentase em atributos que negam a intencionalidade da hierarquia social. A relação de dominação é a consequência e não a causa da hierarquia e pode ser mesmo considerada como uma obrigação de quem é classificado superior, como se houvesse uma naturalidade da inferioridade.	<b>Ecologia dos conhecimentos</b> – uma nova articulação entre o princípio da igualdade e o princípio da diferença e abre caminho para a possibilidade de diferenças iguais – ecologia de diferenças feita de reconhecimentos recíprocos. Consiste na desconstrução tanto da diferença quanto da hierarquia.
<b>Lógica da escala dominante</b> – o universo e o global são formas que expressam a escala dominante na modernidade ocidental. O universalismo é a escala das entidades ou realidades que vigoram independentemente de contextos específicos. A não existência é produzida sob a forma	<b>Ecologia das trans-escalas</b> – recuperação do que no local não é feito da globalização hegemônica. Ao desglobalizar o local, relativamente à globalização hegemônica, a sociologia das ausências explora também a possibilidade de uma globalização contra hegemônica, amplia a diversidade das práticas sociais ao

do particular e do local.	oferecer alternativas ao globalismo localizado.
<b>Lógica produtivista</b> – assenta-se na monocultura dos critérios de produtividade capitalista e aplica-se tanto à natureza – improdutividade é esterilidade, quanto ao trabalho humano – improdutividade é preguiça ou desqualificação	<b>Ecologia da produtividade</b> – consiste na recuperação e valorização dos sistemas alternativos de produção, das cooperativas operárias, das empresas autogeridas, da economia solidária, etc. que o modelo produtivista capitalista ocultou ou descredibilizou.

**Quadro 02: Lógicas de produção de inexistência (monoculturas) e respectivos modos de ecologia. Fonte: Santos (2002)**

A sociologia das ausências busca reconstruir o que são essas formas para além da relação de subalternidade, objetivando revelar a diversidade e multiplicidade das práticas sociais e credibilizar o conjunto por contraposição à credibilidade exclusiva das práticas hegemônicas. Para isso, segundo o autor, é necessário haver imaginação sociológica, na forma da imaginação democrática – que permite o reconhecimento de diferentes práticas e atores sociais e da imaginação epistemológica. Essa democracia deve permitir diversificar os saberes, as perspectivas e as escalas de identificação, análise e avaliação das práticas. O que é possível através daquilo que Boaventura Sousa Santos chama de *processo de tradução*.

O trabalho de tradução procura captar a relação hegemônica entre as experiências e o que nestas está para além dessa relação. Incide tanto sobre saberes (onde assume a forma de uma *hermenêutica diatópica*, que parte da ideia de impossibilidade da completude cultural, voltando-se para a interpretação entre duas ou mais culturas com vistas a identificar preocupações isomórficas entre elas e as diferentes respostas que as fornecem), quanto sobre as práticas sociais e seus agentes. Essas práticas, por envolverem conhecimento, são também práticas de saber, importante entre práticas não-hegemônicas, uma vez que a inteligibilidade entre elas é uma condição da articulação recíproca.

Em síntese, o trabalho de tradução é complementar ao da sociologia das ausências, pois, tendo em vista o que traduzir, entre quê, quem e quando traduzir e seus objetivos, cria a inteligibilidade, coerência e articulação num mundo enriquecido pela multiplicidade e diversidade. Estes, fruto do aumento das experiências disponíveis e possíveis emergidas por esta mesma sociologia. Tudo isso nos diz que a tradução é, simultaneamente (e por excelência), um trabalho intelectual e político, necessário para *dar sentido ao mundo depois de ele ter perdido o sentido e a direção automáticos* que a modernidade ocidental pretendeu conferir-lhes ao planificá-lo (SANTOS, 2002).

### 3. A inteligência cega de Morin

Edgar Morin demonstra uma séria inquietação com toda a problemática surgida em decorrência do avanço do conhecimento e do desafio que a globalidade coloca para o século XXI. Da mesma forma que Boaventura Sousa Santos (2002), contrapõe seus conceitos aos princípios cartesianos de fragmentação de saberes e dicotomia das dualidades e sugere que um novo paradigma seja pensado para lidar com os problemas da contemporaneidade, já que, segundo ele, a questão de organização do conhecimento é resultante da lógica comandada por paradigmas, os quais determinam a nossa visão das coisas e do mundo.

Ao falar da teoria da complexidade e transdisciplinaridade em seu livro *Introdução ao Pensamento Complexo*, o autor nos apresenta o texto “A inteligência cega”, como parte desse escrito, onde traz uma análise bem crítica sobre a existência humana, criticando exatamente a pretensão de se buscar pesquisas que sejam exatas e simétricas, uma vez que baseados em paradigmas já estabelecidos e que, por assim ser, não mais condecoram com as demandas do homem moderno.

O autor argumenta que essas ignorâncias são espécie de cegueiras, as quais são perigosas, pois têm caráter comum e resulta de um modo deturpado de organização do conhecimento, que não pode ou não é capaz de reconhecer e apreender a complexidade do mundo real, esta enquanto “tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem o nosso mundo fenomenal”. (MORIN, 2007, p. 20)

Assim, a inteligência cega, como resultado da disjunção, redução e a abstração, positivos até o século XX, não pode contribuir com a ciência do século XXI. Esse paradigma, segundo ele, separa o observador e a coisa fruto de sua observação, destruindo dessa forma os conjuntos e as totalidades e levando-nos a uma mutação do conhecimento, o qual ignora as formas de saberes que sustentam as relações humanas e não permite que as ciências possam trocar informações e favorecer o avanço de um conhecimento mais profundo.

O autor não objetiva trazer metodologias e nem atalhos que evidenciem o vínculo entre os diferentes saberes, ou entre as ciências, mas “sensibilizar para as enormes carências de nosso pensamento, e compreender que um pensamento mutilador conduz necessariamente a ações mutilantes”, (MORIN, 2007, p. 15)

A partir desse ponto, Edgar Morin nos fala sobre o *sistema aberto*, enquanto forma de conexão com o meio ambiente, que busca explicar o caráter inconstante e determinado do ecossistema, sugerindo, com a *scienza nuova*, que a pesquisa possa se utilizar de teoria, metodologia e epistemologia, e que seja aberta para trocas, pois considera o saber completo inatingível e o complexo sempre como parte do universo.

#### 4. Os regimes de interação de Eric Landowski

Baseado na oposição contínuo/descontínuo, Eric Landowski funda os regimes de interação como modelos parciais de explicação da realidade, os quais podem ser identificados no discurso das diversas relações humanas ou mesmo nas interações com objetos animados ou inanimados e, nos mais variados contextos movidos por competências e papéis que justificam sua existência. As diferentes formas de viver, de lidar com o outro fazem surgir, junto a cada situação, diferentes modos de interagir.

A regularidade das ações rotineiras (dia-a-dia,) em casa, no trabalho, no percurso entre um e outro; a motivação e a intenção que se tem ao executar alguma atividade; a sensibilidade no ato de realização dessa atividade e a possibilidade do inesperado são exemplos simples de como ocorrem essas interações entre os indivíduos e entre os indivíduos e as coisas, estejam eles onde estiverem com suas intenções e propósitos.

O autor apresenta, então, quatro modelos de narratividade, capazes de descrever e analisar o real em um *fazer fazer* em diferentes estilos.

Os Regimes de Interação	
Programação	Fundado na <i>regularidade</i> simbólica ou causal, promove a <i>segurança</i> na execução de alguma atividade, o que acaba tornando a realidade <i>insignificante</i> , através do congelamento do papel temático.
Manipulação	Fundado na <i>intencionalidade</i> , apresenta um risco limitado, ou seja, só há risco até o sujeito da intencionalidade achar necessário continuar com seu propósito. Busca ter significação através de um <i>fazer</i> o outro <i>querer</i> (competência modal) por motivação decisória ou consensual.
Ajustamento	Fundado na <i>sensibilidade</i> , apresenta o risco da <i>insegurança</i> e busca fazer sentido através de uma sensibilidade perceptiva ou reativa, isto é, um <i>fazer</i> o outro <i>sentir</i> (competência estética).
Acidente	Fundado na <i>eventualidade</i> , visto como uma <i>probabilidade</i> mítica ou matemática, apresenta o <i>risco puro</i> . A insensatez é o sentido provocado pelo papel catastrófico.

**Quadro: Os Regimes de Interação, segundo Eric Landowski. Fonte: Landowski (2014)**

Assim como Algirdas Julien Greimas (1983), Eric Landowski vê



no *contínuo* o mundo da ordem, no qual todas as interações são tão bem programadas que surge, em decorrência disso, uma necessidade em quebrar o enredo dos programas fixos; inventa, então, as condições do ajustamento, a sensibilidade e a estesia (OLIVEIRA, 2010, p. 10-12) e, ainda, o acidente que será a total negação desse *contínuo* insignificante. Ao ocupar-se desses regimes remete-nos a tantas maneiras gerais e diferenciadas de estar no mundo, vindo na teoria sociosemiótica uma contribuição para explicar as experiências sociais reais.

Tendo como objeto de estudo o sentido, a sociosemiótica é uma teoria de produção e de apreensão do sentido em ato e tem o papel de teorizar seu objeto a partir da interação que lhe servirá de instrumento articulador. Pensar o sentido e analisá-lo sociosemioticamente por meio dos objetos dentro dos seus diversos contextos é trazer a noção de interação no problema da significação, conforme Eric Landowski.

A sociosemiótica surge, portanto, nas práticas de construção, de negociação e de intercâmbio de sentido que, por sua vez, são responsáveis por construir o “social” enquanto universo de sentido, isto é, a análise dos processos (as interações) entre sujeitos ou entre o mundo e os sujeitos. Trata-se da semiótica da ação, a atenção volta-se para o ato em que o objeto se apresenta, considerando por parte do sujeito, a *leitura*, o reconhecimento das formas da realidade e, a *captura* dos objetos, a apreensão do sentido por meio do sensível, o que implica as diferentes “formas de ser o mundo”, as diferentes formas de olhar um objeto. Eis que é nesse ponto que se encontra a problemática da interação, oriunda das narrativas do mundo, de onde se espera distintos modos de significação, em modos de ler e de capturar diferentes e, portanto, regimes de interação também distintos.

Nesse sentido, os encontros entre os actantes acontecem de duas formas: por *interação* e por *coincidência*. A *interação* propriamente dita decorre das relações por intencionalidade e pelo contato através da sensibilidade, ambos mediados pela competência modal ou estética, por meio da manipulação ou do ajustamento. A *coincidência* acontece quando dois percursos independentes se cruzam por meio de uma relação, por uma instância terceira que determina os papéis temáticos próprios a cada ator que, em acordo com as circunstâncias, os fazem entrar em conjunção ou em colisão, na programação ou no acidente. O que constrói o sentido em tudo que se faz, em qualquer que seja a situação, são as relações existen-

tes, o intercâmbio, as mediações entre os *actantes*<sup>18</sup>.

**5. O reconhecimento do outro<sup>19</sup>, a complexidade em questão e os processos de tradução**

Ao propor a sociologia das ausências, Boaventura Sousa Santos tenta mostrar a existência inesgotável de experiências sociais em curso hoje, considerando o presente um momento amplo, cheio de oportunidades e disponibilidades, as quais não se deve desperdiçar. Apropriar-se delas é uma alternativa de acréscimo, de conhecimentos e de valores diversos das diferentes práticas sociais. Segundo o autor, há, agora, uma relação de junção entre o que não se considerava ou não era importante no modelo de racionalidade ocidental com o tempo presente, antes contraído e não valorizado em sua amplitude. O presente é expandido e entra em conjunção com o “agora”, com a diversidade de experiências sociais do hoje que, para Edgar Morin, são formas de saber que devem dialogar entre si para o reconhecimento dessa amplitude.

As lógicas da não-existência, apontadas e explicadas por Boaventura Sousa Santos e entendidas em Edgar Morin como pensamento mutilador, que desvincula observador e coisa observada, são as verdadeiras responsáveis pela disjunção de todo esse aparato de alternativas, com o “momento”, que deveria permitir sua existência como algo disponível (o presente), enquanto forma, também, de conhecimento de outras realidades fora dos centros hegemônicos, outras vivências ou diversidade de saberes (MORIN, 2007), culturas, principalmente, de experiências daqueles grupos ocultados pela razão indolente.

A esse respeito, ao propor a dilatação do presente, Boaventura Sousa Santos pretende a proliferação das totalidades. Que estas coexistam com outras formas de “pensar os termos das dicotomias fora das articulações de poder que os unem, como primeiro passo para o libertar dessas relações, e para revelar outras relações alternativas que têm estado ofuscadas pelas dicotomias hegemônicas” (2002, p. 246). Essa reflexão Edgar Morin busca ao falar das trocas de saberes, com a concepção de *sistema aberto* e sugestão da *scienza nuova*.

---

<sup>18</sup>Aquele que realiza ou sofre um ato. Actantes na narração (ou no enunciado): sujeito/objeto; destinatário/destinatário. (GREIMAS & COURTÉS, 1983, p. 12)

<sup>19</sup> Landowski (2012, p. 4).

Edgar Morin, ao falar da *Complexidade*<sup>20</sup>, faz referência ao que, em suas palavras, seria o *outro* e a *não-existência*. Estes como uma parte cindida dentro do seu contexto e importância. Uma parte que está dentro de um todo composto por várias outras partes e que precisam estar em diálogo: articular as partes, possibilitar a troca, incorporar unidade e diversidade com coerência. À medida que há superação de conhecimento, automaticamente, por outro lado, há uma ignorância a respeito de algo, havendo sempre o desconhecimento sobre alguma coisa. Desta forma, haverá sempre a necessidade da pesquisa sobre novas formas de metodologias. A crítica de Boaventura Sousa Santos é pertinente ao trazer à tona uma proposta de racionalidade que permita o aparecimento e a existência de outras alternativas de pensamento, de saberes e de práticas sociais. Este autor mostra, através de sua sociologia, os “processos de tradução”, no qual se dá a interação por *ajustamento*, por meio do diálogo entre o diverso.

Deste princípio de incompletude de todos os saberes decorre a possibilidade de diálogo e de disputa epistemológica entre os diferentes saberes. O que cada saber contribui para esse diálogo é o modo como orienta uma dada prática na superação de uma certa ignorância. O confronto e o diálogo entre saberes é um confronto e diálogo entre processos através dos quais práticas diferentemente ignorantes se transformam em práticas diferentemente sábias. (SANTOS, 2002, p. 250)

Nesse momento, ocorre o ajustamento por meio das relações sensíveis em que as presenças dos corpos experimentam o sentir o *outro* em ato, pelos mecanismos de sentir, de interagir, de enunciar, somando significados, saberes, culturas, conhecimentos, e ressignificando-os na duração da interação. Boaventura Sousa Santos, um investigador por excelência sobre a amplitude da compreensão do mundo, tenta fazer, dessa forma, o ajustamento entre as sociedades credíveis e não credíveis, através da tradução de saberes, isto é, sentir como o próprio autor fez, ao ir a campo, conhecer e ver de perto a forma como vivem esses grupos, como pensam e como agem essas sociedades fora dos centros hegemônicos. Em metodologia contrária a essa, reside exatamente a crítica da inteligência cega de Edgar Morin, a busca por pesquisas que sejam exatas e simétricas, obedecendo os paradigmas já estabelecidos.

Recorre-se sempre ao modo de viver capitalista para compreender

---

<sup>20</sup>MENDES. Iba. A teoria do pensamento complexo de Edgar Morin. Disponível em: <<http://www.ibamendes.com/2011/03/teoria-do-pensamento-complexo-de-edgar.html>>. Acesso em 15/09/2015.

as formas de descrédito do diverso. Os sujeitos são manipulados pela filosofia do ter, do consumismo, onde o mais importante é adquirir o que é divulgado na mídia através dos meios de comunicação. Não há mais busca por valores, realizações honestas e éticas. Além disso, o capitalismo promoveu a divisão do trabalho e também de “classes” sociais, baseados na força do trabalho e da venda de mão-de-obra, surgindo assim o que Edgar Morin chama de *simplificação*<sup>21</sup>, especialização em determinadas áreas de conhecimento etc. O progresso tecnológico impôs um novo padrão de conhecimento, menos discursivo e mais operativo, portanto, divisor de grupos, que bem se observa nas lógicas de produção de *não existências* de Boaventura Sousa Santos.

A lógica produtivista classifica o improdutivo como desqualificado e preguiçoso, a lógica da classificação social deixa claro a naturalidade do inferior a outrem, como consequência e não causa e, daí se coloca como detentora do conhecimento. São poucas as realidades locais que vigoram com destaque ou como credíveis, aquelas que se sobressaem fazem com que, inconscientemente, as outras se tornem ou se sintam naturalmente inferiores e atrasadas diante delas.

Nesse viés, de diferentes modos de pensar, produzidos a partir da visão capitalista excludente das minorias e sobre a qual Boaventura Sousa Santos refere-se em sua pesquisa dentro dos centros hegemônicos e não hegemônicos, é caracterizada pela cegueira a que criticou Edgar Morin. É que o pesquisador em sociosemiótica direciona seu olhar, atendo-se para a distinção dos “modos de ser” e observando o *aqui* e o *agora* (o ato) do seu objeto.

As formas como interage cada sujeito de ação, agindo segundo cada uma das lógicas, constroem o sentido em cada situação colocada. Dessa maneira, o modo operacional de trabalho traz relações em que os indivíduos interajam por *programação*, objetivando unicamente a eficácia na produção do trabalho. Consequentemente, o que se vê após a produção em grandes quantidades é o comércio dos produtos, que depois são anunciados na mídia, em propagandas elaboradas intencionalmente para convencer o suposto consumidor, emergindo aí interação por *manipulação*.

---

<sup>21</sup>MENDES. Iba. A teoria do pensamento complexo de Edgar Morin. Disponível em: <http://www.ibamendes.com/2011/03/teoria-do-pensamento-complexo-de-edgar.html>. Acesso em 15/09/2015.

Nos casos citados acima, entraram em questão as figuras do manipulador e do programador dotados de competências modais: *fazer fazer, fazer saber, fazer querer*. O *acidente* ocorre quando, na ação programática, o sujeito da ação modifica toda a sua programação rotineira, então o resultado é o descontínuo, a interrupção do seu trabalho em virtude do inesperado ou do acaso. Já o ajustamento ocorre quando os actantes interagem entre iguais, seja entre humanos ou entre humanos e não humanos, ambos sentindo o outro de forma estésica, por meio da sensibilidade do corpo. Percebe-se o ajustamento nos processos de tradução sobre o qual fala Boaventura Sousa Santos e no diálogo dos saberes, advogado por Edgar Morin.

## **6. As lógicas da não existência, a cegueira e a programação**

Ao referir-se ao risco aceito em Interações Arriscadas, Eric Landowski (2012, p.17) traz a questão de que não se deve ter por base somente certezas absolutas, para não inibir o desejo de ação, nem submeter-se puramente ao aleatório para não lançar-se às incertezas e às possibilidades de catástrofes. Nesse sentido, planejar para tentar prever uma determinada situação como forma de controle da ordem não seria tão ruim, porém, se demasiadamente feito, um indivíduo, deste modo, condena-se ao imobilismo. Rejeitar esse controle é correr o risco daquilo que o desconhecido pode trazer.

Programar é lidar de forma que não haja diálogo, justamente pelo fato de somente comunicar, não havendo espaço para a conversa, para trocas; portanto, o outro é impossibilitado de expressar seu pensamento. A não-existência é consequência do “fazer como todo mundo”, esta em prol de “um valor universal aos usos locais”, aos modos de viver, de agir e reagir, de sentir e de pensar que são os nossos (LANDOWSKI, p.05, 2012). O Outro não é reconhecido dentro de suas particularidades, reconhecem-se apenas as diferenças de identidade, as quais são vistas como uma ameaça em sua homogeneidade, enquanto há uma consciência coletiva que determina a verdade e a ordem.

Eis o contínuo ao qual se refere Eric Landowski. Ao depararmos com a visão de Boaventura Sousa Santos, que almeja uma reinvenção da emancipação social, e com a visão de Edgar Morin, em sua busca por um novo paradigma, percebe-se que o modo de ser gerado com/pelo capita-

lismo é dominante e regido por *competências modais*<sup>22</sup> identificáveis no que podemos chamar atualmente de organizações sociais.

Ao lidar com práticas sociais, os três autores percebem o mundo de forma monótona pelo excesso de coesão, dessemantizado pela demasia de precauções e prudências caracterizadas pela ação programática. As lógicas das quais fala Boaventura Sousa Santos e a cegueira criticada por Edgar Morin são “frutos” do capitalismo (que influencia e domina os comportamentos humanos), do apego ao modelo ocidental de ciência e das organizações sociais, que, movidas por reduzir os riscos de fracasso, organizam suas atividades com objetivos bem definidos. A não-existência e a cegueira são produtos dessas relações, que promovem o determinismo, a definição de papéis temáticos apropriados em suas devidas funções e suprimem os modos de pensar do outro.

São estas *monoculturas* legítimas, não havendo espaço para outras práticas de saberes. A *lógica produtivista* é perceptível no trabalho humano por objetivar a produção e o lucro, onde permanece a ideia de gestão, previsão, controle e êxito. Um bom exemplo é a Educação brasileira que passou a ser caracterizada como um serviço, uma organização social sempre movida pela lógica da *segurança* em suas previsões para alcançar o sucesso. Assimiladoras, essas organizações “modelam” os indivíduos numa adaptação unilateral, em um *fazer ser* de acordo com sua necessidade de busca de lucros e de bons resultados perante a concorrência do mercado.

No regime da programação, “conversar” consiste no fundo em praticar uma forma de monólogo a dois (ou a vários): tem-se aí a modalidade mínima da interlocução, reduzida seja a trocas de opiniões convencionais,[...], seja a um quadro de perguntas e respostas delimitadas por um quadro e objetivos precisos, como na “consulta” médica ou jurídica. Cada qual reproduz aí uma espécie de texto previamente escrito, série de enunciados requeridos pela situação, como se a língua mesma ou qualquer outra codificação do dizer funcionassem sozinhas pela boca dos locutores. [...] quanto mais programada pelo contexto parece cada intervenção, mais seu sentido se presta a ser adivinhado de antemão e mais a interlocução tende à insignificância. (LANDOWSKI, 2014, p. 91)

Cabe lembrar que os condicionamentos socioculturais, derivados da coerção social ocorrem exatamente por causa dessas regularidades comportamentais programadas pelo social. “Uma sociedade que, em no-

---

<sup>22</sup> BARROS, Diana Luz Pessoa de. Teoria do Discurso: fundamentos semióticos. São Paulo. Editora Humanitas, 2001, p.49

me da conservação da vida, não permitisse a seus membros atuar a não ser baseando-se em certezas absolutas condenar-se-ia a um imobilismo mortal” (LANDOWSKI, 2014, p.18)

A lógica da classificação social distribui e classifica a população em categorias, hierarquiza e faz seguir a ordem do que está planejado, prevenindo acontecer coincidentemente o que está previsto. Uma mudança no plano, pequena que seja, poderia levar à catástrofe, por isso, a ideia de *prudência*. A *lógica do tempo linear* se manifesta na assimetria que denuncia o atraso e o avanço, responsável por diferenciar os lugares. A linearidade do tempo produz uma monocultura que ignora o presente e exclui o que é atrasado em termos de progresso, tornando-o “resíduo” do que é dito tradicional, obsoleto ou subdesenvolvido, por exemplo.

O progresso está ligado ao capitalismo. Assim, as diferenças naturalizam-se e reforçam-se continuamente, resultando desse modelo classificatório existente na sociedade. Haverá sempre entidades aptas a vigorarem mais que outras, tornando-se rivais e fazendo “incapacitadas” daquelas não reconhecidas. Nesse sentido, a alteridade, palavra definida por Eric Landowski como diferenças vindas de alhures, também é vista como ameaça à homogeneidade dita imutável, muitas vezes provoca a exclusão social de determinados grupos, “as minorias”. Estes são também considerados como produtos das lógicas de não-existência e cegueira de saberes.

Edgar Morin deixa claro que o diálogo é a melhor forma de compreender a complexidade dessas realidades, é *estar aberto ao universo* (MORIN, 2008, p. 30), é contextualizar e compreender o global, reconhecendo tudo o que é singular. Nesse ponto, Eric Landowski tem o ajustamento como uma forma sensível de interagir emergente nesses contextos de reconhecimento do outro.

## **7. Considerações finais**

Por dedicar-se a registrar as condições de emergências do sentido, baseando-se nos contextos situacionais, a semiótica contribui para uma melhor compreensão da diversidade de condições dessas emergências. “Os indivíduos humanos produzem a sociedade em e mediante suas interações, mas a sociedade, enquanto um todo emergente, produz a humanidade desses indivíduos trazendo-lhes a linguagem e a cultura.” (MORIN, 2000). Dessa maneira, os estilos de sentido se configuram exatamente junto aos regimes de interação de sentido, emergentes nas relações entre

os indivíduos em sociedade, em qualquer que seja a ocasião. Constrói-se, então, o sentido na implantação do outro, na interação com o outro, nos pontos de vista relativos à posição do observador em relação à experiência considerada.

Boaventura Sousa Santos, Edgar Morin e Eric Landowski dialogam à medida que se valem das experiências sociais como um ponto de partida para a busca do sentido, seja através das interações, das linguagens, das culturas, no ato mesmo da interação, percebendo o *aqui* e o *agora*, numa busca por uma sociedade mais justa (i) por Boaventura Sousa Santos, através da crítica à sociologia das ausências; (ii) por Edgar Morin, com a crítica à cegueira do saber em busca de um novo paradigma; e, (iii) por Eric Landowski, na busca do sentido que é construído pela sociedade nas relações decorrentes dessas interações entre os sujeitos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1983.

LANDOWSKI, Eric. *Interações arriscadas*. 1. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.

\_\_\_\_\_. *Sociossemiótica: uma teoria geral do sentido*. *Galaxia*, São Paulo, n. 27, p. 10-20, jun. 2014. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/gal/v14n27/02.pdf>>. Acesso em: 08-09-2015.

\_\_\_\_\_. *Presenças do outro*. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MENDES, Iba. A teoria do pensamento complexo de Edgar Morin. In: WALQUIL, Marcia Paul. *Princípios da pesquisa científica em ambientes virtuais de aprendizagem: um olhar fundamentado no paradigma do pensamento complexo*. 2008. Tese (de doutorado em educação). - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p. 18-30. Disponível em: <<http://www.ibamendes.com/2011/03/teoria-do-pensamento-complexo-de-edgar.html>>. Acesso em: 15-09-2015. [O texto completo da tese está disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/13729>].

MORIN, Edgar. *A inteligência da complexidade*. São Paulo: Petrópolis, 2000.

\_\_\_\_\_. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.



## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

OLIVEIRA, Ana Cláudia de. Estesia e experiência do sentido. *CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, vol. 8, n. 2, 12 p., 2010. Disponível em:

<<http://seer.fclar.unesp.br/casa/article/view/3376/3099>>. Acesso em: 15-09-2015.

SANTOS, Boaventura Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciências*, n. 63, p. 237-280, 2002. Disponível em:

<<https://rccs.revues.org/pdf/1285>>. Acesso em: 30-07-2015.

SANTOS, Boaventura Sousa. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. *Estudos Avançados*, São Paulo, vol. 2, n. 2, p. 46-71, 1988. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/ea/v2n2/v2n2a07.pdf>>. Acesso em: 07-09-2015.